

Roteiro para o Brasil repetir cenário dos EUA está pronto, diz Kalout

As cenas de violência em Washington com invasão do Congresso americano podem ser um prenúncio do que vai acontecer no Brasil

Entrevista de José Eduardo Barella com Hussein Kalout

08/01/2021, Valor Econômico

As cenas de violência em Washington na última quarta-feira, com uma turba de apoiadores radicais do presidente Donald Trump invadindo o Congresso americano, podem ser um prenúncio do que vai acontecer no Brasil na campanha eleitoral de 2022. É o que afirma o cientista político Hussein Kalout, pesquisador da Universidade Harvard. Segundo ele, Bolsonaro sempre emulou Trump na estratégia política e no discurso. “Todo o modelo de confrontação e radicalização empregado por Trump na campanha de 2016 foi importado para o Brasil na última eleição presidencial, em 2018”, diz Kalout, que foi secretário Assuntos Estratégicos da Presidência no governo Temer. Ele acredita, porém, que Bolsonaro só teria condições de avançar em seu projeto de poder onde Trump fracassou se obtiver apoio do Poder Judiciário e das Forças Armadas.

Valor: Desde a posse, em janeiro de 2017, o presidente Donald Trump adotou um método de atuação política muito claro: abusou do discurso contra minorias, ignorou o Congresso recorrendo a decretos e adotou a mentira, como arma política para justificar ações, atacar opositores e hostilizar a imprensa. Após o episódio de quarta-feira, ele manteve a mesma estratégia, reforçando a acusação falsa de fraude. Foi um erro estratégico?

Hussein Kalout: A Desde que assumiu a presidência, o Trump quis transformar a política num reality show, buscando formar uma base fiel a ele, e não ao Partido Republicano. Ele acabou sombreando o Partido Republicano, criando o trumpismo. Isso não tinha acontecido na política americana do pós-Segunda Guerra, em que o presidente se torna uma liderança política separada do partido no poder. Por isso é importante primeiro entender como ele procura engajar seu eleitorado. Trump conseguiu mobilizar os revoltados com o Estado, com as desigualdades sociais, as assimetrias de oportunidades econômicas. Tudo isso trabalhando a partir de táticas de insuflar sua base, endereçar discursos fundamentalistas para sua base religiosa e por aí vai. A política, para o Trump, não é a arte de construir soluções ou a arte do diálogo para forjar consensos. Para Trump, a política é um reality show que alimenta e se realimenta pelo conflito. A invasão do Capitólio foi um fato inusitado. Mais grave do que a invasão em si foi o presidente incensar, num discurso, seus apoiadores a contestar a legitimidade e a lisura do processo eleitoral. Uma coisa é o presidente contestar isso na Justiça, é o direito dele. No entanto, contestar a legitimidade da eleição propondo o uso ilegítimo da força é muito grave. Sabendo do potencial de confronto, o presidente deveria zelar pela segurança da capital, tomar medidas preventivas para evitar o que aconteceu. Trump rebaixou a estatura da democracia americana ao nível das piores ditaduras do mundo.

Valor: Quais as lições para a elite política e a sociedade americanas após os episódios de quarta-feira?

Kalout: É preciso diferenciar os atores. A elite do Partido Republicano é sócia dessa empreitada, ela não pode lavar as mãos. Poucos líderes do partido se posicionaram desde o início pelo reconhecimento da legitimidade do presidente eleito Joe Biden, pela lisura do processo eleitoral e pelo respeito às instituições. No entanto, boa parte da elite republicana ficou alimentando as teorias conspiratórias do Trump, a tese de fraude, apoiando a narrativa de não perpetuar a transferência pacífica de poder. Não

é suficiente essas lideranças virem a público nesses últimos dois dias denunciar seu repúdio ao que aconteceu porque elas permitiram que isso acontecesse. É importante ressaltar esse detalhe. Essa elite política do Partido Republicano, direta e indiretamente, é corresponsável pela violação à Casa do povo. Tudo isso em nome e de olho no espólio eleitoral de Trump. Política se faz com dignidade, e não dessa forma. A segunda parte da elite, seja do Partido Democrata, a elite intelectual ou econômica, que não endossou essas atitudes, já vinha alertando para as consequências negativas - que isso pode expor o país e esgarçar o tecido social. Temos uma sociedade fraturada. Essa outra elite, logo após o processo ter deixado claro a vitória do Biden, estava conclamando um diálogo interno focado no combate à pandemia e no reatamento das fraturas expostas pelo processo eleitoral. Ou seja, ela já previa que o discurso tétrico de Trump levaria a um acirramento de ânimos ainda mais grave.

Valor: Chamou a atenção a facilidade com que Trump arrastou milhares de americanos para um jogo perigoso, que colocou em risco a democracia. Mas como o senhor imagina a reação do establishment político? Tende a buscar uma forma de punir Trump, impedindo que ele tente voltar a disputar a Casa Branca em 2024, ou simplesmente aguardar o desgaste dele?

Kalout: Primeiro, o Partido Republicano precisa se reinventar. Ou seja, decidir se volta ao seu lema tradicional - um partido conservador, mas defensor do Estado de Direito, da ordem e paz social - ou se vai continuar servindo de espelho do radicalismo de Trump. Após os fatos de ontem, muitas lideranças que até então estavam ao lado do Trump, vão tentar se descolar, pois sabem que ele termina sua gestão manchado por um ato antidemocrático. Deverá ocorrer um processo de depuração interna, outras lideranças vão emergir. Trump não tem mais como retroalimentar diretamente essa base. Trump tentar voltar poderia ser uma possibilidade antes dos episódios de quarta-feira. Com a invasão do Capitólio, Trump aniquilou seu futuro político. Não consigo imaginar o Partido Republicano dando legenda para ele. Ou seja, ele teria que fundar um novo partido ou concorrer como independente. Ele perde o peso gravitacional, vai rachar o voto conservador, o que beneficiaria o voto progressista do Partido Democrata.

Valor: Se a democracia americana, considerada modelo, saiu fragilizada, é possível imaginar que o modelo de democracia liberal está em xeque do mundo?

Kalout: Não acredito que o modelo de democracia liberal esteja em xeque. O que aconteceu ontem foi um ponto fora da curva, estimulado pelo presidente. Não acho que o modelo se mostrou disfuncional ou incapaz de dirimir divergências políticas. A tendência natural, agora, é se discutir até que ponto esse modelo de populismo político pode sobreviver no poder. Todo governo com contornos altamente populistas tem características particulares. Primeiro, é o personalismo, centrado na identidade do líder, e não numa base transversal de diversos atores políticos. Quando esse líder perde uma eleição ou é deposto, naturalmente o peso gravitacional dele e de sua base tendem a minguar. Num governo autoritário, é diferente: pode ocorrer um regime personalista, mas comandado por uma base ditatorial e muitas vezes com apoio das Forças Armadas. Venezuela, alguns países africanos e do Oriente Médio seguem esse modelo.

Valor: As redes sociais têm sido usadas por líderes autocratas para incitar o ódio e disseminar mentiras. Elas são o maior instrumento de ameaça a democracia hoje?

Kalout: Toda modernidade, toda nova tecnologia, especialmente as redes sociais, trazem benefícios e também um espaço para práticas criminosas ou para o estímulo à radicalização. Entre os anos 1980 e

90, por exemplo, a evolução do sistema bancário trouxe grandes avanços para o sistema financeiro, mas também criou oportunidades para a lavagem de dinheiro. Qual a resposta para isso? Mecanismo de controle, de regulação. Comparando com a evolução do sistema bancário, o controle é muito maior hoje - ficou mais complexo lavar dinheiro como se fazia antigamente. As redes sociais são uma ótima plataforma para disseminação de boas práticas e informações, como no caso recente da pandemia do novo coronavírus. Por outro lado, permitem que as pessoas difundam teorias conspiratórias para a sociedade. As redes sociais, na minha opinião, precisam de um modelo de regulação, acompanhado de um modelo de punição. Incitação ao ódio e à violência física, assim, não podem ser permitidos - Trump teve suas contas no Twitter e Instagram bloqueadas por causa disso. Ele estava usando uma plataforma digital de amplo impacto e uma transversalidade imensa de profusão de ideias para estimular o conflito. As redes sociais são uma ferramenta muito importante, mas padecem de mecanismos mais eficientes de regulação e punição aos transgressores. Este momento, com Trump nos EUA e o presidente Jair Bolsonaro aqui usando Twitter para estimular o radicalismo, revelou-se que as redes sociais têm outra faceta. Tanto as instituições de Estado como o setor privado precisam endereçar uma discussão muito mais ampla sobre o que se pode ou não postar. Não se trata de censura. Não podemos confundir regulação com censura. Trata-se de impor limites. Não se pode ter um instrumento poderosíssimo dessa natureza, que impacta as eleições presenciais e o destino das políticas públicas, sendo comandado a partir de narrativas que estimulem a violência. É estabelecer uma fronteira para além da política. Por isso é preciso uma regulação rigorosa, punindo o crime virtual.

Valor: Até que ponto o episódio, reflexo da estratégia de Trump de esticar a corda ao limite, para manter a narrativa de fraude eleitoral, pode servir de modelo para líderes populistas e autocratas de outros países de se perpetuar no poder?

Kalout: Isso já vinha ocorrendo. Todo o modelo de confrontação e radicalização empregado por Trump na campanha de 2016 foi importado para o Brasil na última eleição presidencial, em 2018. O que está acontecendo agora é que as redes sociais se transformaram numa arma poderosíssima de desinformação, como a pandemia mostrou. Esse modelo já foi exportado e está sendo adaptado à realidade de cada país. Essa é a grande verdade. Não sei o que seria do Bolsonaro ou do bolsonarismo sem as redes sociais. Ele não tem uma base real construída. Ela foi construída a partir de discurso de ódio, e não de propostas de políticas públicas. Esse modelo favorece sobretudo indivíduos que nunca tiveram que expor suas ideias a um escrutínio popular mais amplo. Aí fica fácil ir a uma rede social, divulgar uma informação falsa e difundi-la numa escala gigantesca. O trabalho de reversão é muito mais complexo - de provar que a informação era falsa, etc. Isso temos no Brasil com informações sobre a pandemia.

Valor: O presidente Bolsonaro se posicionou claramente a favor de Trump em relação aos fatos de quarta-feira. Essa postura ajuda ou atrapalha suas chances de reeleição?

Kalout: Primeiro, essa postura atrapalha o Estado brasileiro. O presidente Bolsonaro, com essa conduta, desrespeitou o Artigo IV da Constituição, ao se imiscuir em assuntos internos de outros países - coisa que ele certamente não gostaria que fizessem com o Brasil. Ao longo dos últimos dois meses, Bolsonaro encampou a teoria conspiratória do presidente Trump de que a eleição foi fraudada. E ainda subtraiu a legitimidade do presidente eleito dos Estados Unidos. Isso não atende ao interesse do Estado brasileiro. Portanto, é importante expressar essa preocupação. Na própria quarta-feira, o presidente da República teve a oportunidade de se posicionar a favor da democracia, e não o fez. Ao endossar o discurso de radicalização do Trump de invasão do Capitólio, Bolsonaro demonstrou não ter apreço ao regime

democrático. Na verdade, Bolsonaro não se preocupa com o Estado brasileiro. Sua maior preocupação é seu projeto de poder. Por esse objetivo, ele está disposto a sacrificar o interesse nacional, porque na verdade ele entende o interesse nacional não a partir do interesse do Estado brasileiro, mas a partir de seu projeto de poder. A política externa dele reflete isso: em qual sentido a conduta dele no episódio do Capitólio ajuda nas relações com os EUA? Em absolutamente nada. Apenas ampliou o fosso que vai existir entre ele e o presidente eleito Biden, sendo que os EUA são nosso segundo maior parceiro comercial. Ou seja, a política externa, para o bolsonarismo, não é uma matéria que deva ser executada para servir ao Estado brasileiro, mas como pilar para alimentar sua base política.

Valor: Bolsonaro voltou a falar do voto impresso como necessidade para evitar fraude e foi rebatido pelo ministro Barroso, do STF. O senhor acredita que ele usará essa estratégia - aliás, copiada de Trump - para se reeleger?

Kalout: A declaração do presidente sobre a possibilidade de fraude em 2022 só estimula o radicalismo e as teorias conspiratórias. O próprio Bolsonaro foi eleito com base num sistema eleitoral confiável. Desde que o novo modelo de voto e apuração foram adotados pelo Superior Tribunal Eleitoral, nunca houve contestação quanto à lisura e confiança.

A afirmação de Bolsonaro de que precisamos voltar a ter voto impresso é totalmente paradoxal: se ele reclamou que na eleição americana, em que o modelo de voto é impresso, houve fraude, por que quer adotar o modelo aqui? Em 2028, Bolsonaro conseguiu reclamar de fraude na eleição que ele mesmo ganhou... Isso é uma forma de construir uma narrativa para, em caso de uma possível derrota, não conceder a vitória ao adversário, colocando sob dúvida a lisura do processo eleitoral brasileiro. Isso também serve para estimular a base radicalizada. É um discurso distópico e antidemocrático. É preciso apresentar provas de vulnerabilidade do sistema. A palavra de um presidente pesa muito. Que provas ele tem?

Valor: Essa será a estratégia dele para 2022, idêntica à de Trump?

Kalout: Isso faz parte da estratégia de confronto. Um exemplo: a decisão do Congresso argentino de uma nova legislação sobre o aborto. Novamente, o governo brasileiro criticou a decisão, se intrometendo num assunto interno de um país vizinho. Ele fez isso por causa da necessidade de alimentar sua base religiosa, pouco instruída e muito radicalizada. Quando se quer construir um projeto poder como Trump e Bolsonaro pretendem, você precisa construir uma base de apoio permanente, com adoção de modelos retóricos que tenham uma amálgama entre o líder desse movimento junto com a base. Bolsonaro, assim como Trump, ao invés de trabalhar essa amálgama por meio de propostas reais de políticas públicas, perceberam que o fator de desconhecimento e pouca educação funcionam como ponto favorável para lançar teorias conspiratórias - que não precisam ser provadas, você apenas lança no ar. Essa base pouco instruída é uma presa fácil para o discurso do confronto. Parte da base do Bolsonaro é formada por segmentos da população com pouca instrução e revoltados, que não conseguem refletir sobre a importância de políticas públicas. Esse segmento é revoltado com o sistema político, com sua própria situação social e com a falta de oportunidades. Trump cativa o mesmo segmento nos EUA, onde houve uma mudança em que, antes, a classe trabalhadora era toda ligada ao Partido Democrata. Parte expressiva passou a votar no Trump, com aquele discurso de que a China está roubando as indústrias e empregos americanos. Um dos traços fundamentais de liderança de populistas como Trump e Bolsonaro é a transferência de responsabilidade para alguém. A falta de emprego é culpa da China. O líder se coloca como alguém que está lutando contra aqueles considerados os reais

detratores da população. O caso da vacina aqui é claro: não tem calendário, não tem vacina, não tem seringa e a culpa é de todo mundo, menos do governo. O Brasil está quebrado? Ora, ele foi eleito com uma proposta de política econômica para consertar as anomalias da política econômica. Líderes populistas sempre vão transferir as responsabilidades para terceiros e capitalizar para si os ganhos políticos. Neste aspecto, Bolsonaro e Nicolás Maduro, da Venezuela, são parecidos.

Valor: O senhor vê risco de movimentos radicais, como o da invasão do Congresso americano, ocorrerem aqui?

Kalout: Parte da preparação do embate eleitoral, visando criar grupos radicalizados, tem como objetivo exercer pressão sobre as instituições. A ideia de liberalização das armas é um componente essencial nessa estratégia. Afinal, quem vai comprar arma? O roteiro para o cenário se repetir está dado. S condições estão sendo criadas para isso acontecer. A diferença é que as instituições americanas estão mais consolidadas do que as do Brasil. Trump tentou instrumentalizar as Forças Armadas e o Judiciário, mas não conseguiu. Os militares se posicionaram de forma clara, assinando declaração escrita que não aceitariam fazer parte do processo eleitoral. Aqui no Brasil, essas instituições não têm a mesma envergadura. O roteiro foi traçado e as concessões foram dadas. Para o projeto do Bolsonaro funcionar, ele precisa ter o Poder Judiciário e as Forças Armadas ao seu lado. Se ambas se ativerem à letra da lei, ao que diz a Constituição, o projeto dele será potencialmente frustrado. Isso não afasta a possibilidade de ocorrer o desencadeamento de uma violência urbana descontrolada. O uso da força é prerrogativa do Estado. Mas para funcionar em conformidade com quais interesses? Da Constituição ou de alguém que quer explorá-la a favor de seu projeto político? Essa é a pergunta posta.

Valor: O Congresso e a elite política brasileira podem tirar uma lição desse episódio, uma vez que também são alvo de críticas por privilegiar grupos e interesses?

Kalout: Se a gente fizer um paralelo entre a qualidade do Congresso do EUA e o brasileiro vamos encontrar muitas disparidades. O Congresso americano está muito mais atento a questões dogmáticas e a projetos de políticas públicas. O nosso Congresso tem bons políticos e partidos, mas não são a maioria. Muitas vezes, a falta dogmática de políticas públicas é maleável, se adapta em conformidade com os interesses circunstanciais e conjunturais daquele partido naquele momento. Por isso essa flexibilidade de como você vai modulando a silhueta dos partidos brasileiros. Por não ser um modelo bipartidário, a relação entre Executivo e Legislativo é muito mais permissiva e perniciosa. Num regime bipartidário, como nos EUA, isso é mais difícil. Bolsonaro conseguiu construir no Congresso uma base política de menos de 200 deputados que, acredito, não estão com ele por causa da agenda de políticas públicas do bolsonarismo. Essa base foi construída para golpear o processo de impeachment em troca de uma fatia do orçamento público brasileiro e cargos. Se eles perceberem que o projeto de poder de Bolsonaro vai vencer, vão permanecer próximos. Se ele se enfraquecer, porém, a ruptura ocorrerá naturalmente. Boa parte dos políticos brasileiros que discordam de como o governo conduz a política de combate à pandemia, por exemplo, está atenta ao que está acontecendo. E tem se mostrado combativa quando necessário. Vários partidos barraram no Supremo Tribunal Federal, por exemplo, decretos e medidas de Bolsonaro.

Essa entrevista foi publicada originalmente em:

<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/01/08/roteiro-para-o-brasil-repetir-cenario-dos-eua-esta-pronto-diz-kalout.ghtml>